

PUBLICAÇÕES RECENTES ACERCA DA PENÍNSULA IBÉRICA  
(SEGUNDA NOTÍCIA)

Não admira que as paisagens mediterrâneas suscitem a um homem do Norte a mais entusiástica atracção, sobretudo a um geógrafo de uma escola tradicional para quem a geografia reside essencialmente numa atitude mental: ecologia e técnica de organização do espaço. Para HOUSTON, preocupado fundamentalmente com o «estudo geográfico da interacção (homem e terra) através da paisagem», «o Mediterrâneo é tomado aqui não apenas como uma entre muitas áreas de estudo, mas como aquela que ilustra, talvez como nenhuma outra, essa interacção» (p. 1). O objectivo do trabalho de HOUSTON <sup>(1)</sup> é a descrição da paisagem e, a partir desta, reconhecer a região. Posição estática, alheia às constantes mudanças e concepções modernas da geografia? O autor responde, coerente com a sua atitude de espírito; prefere, assim, «um melhor conhecimento dos processos retrospectivos e da proporção da responsabilidade humana que podem ajudar a um futuro planeamento» (p. 708), capítulo a que ele não se aventura sequer em juízo ou esboço, ao risco de se deixar envolver pela noção «fictícia da realidade concreta da região» (p. 1).

A primeira parte da obra compreende capítulos gerais acerca do Mediterrâneo. Em especial, os dois últimos capítulos são uma compressão de assuntos aliciantes: a longa tradição da vida urbana, as profundas transformações da paisagem por herança ou inovação de técnicas, acompanhadas pelo sucessivo enriquecimento do património agrário (o milho trazido da América no século xv, o arroz e a técnica de regadio dos Árabes e os terraços, a expansão da oliveira e da vinha) até às recentes e variadas transformações das paisagens tradicionais; capítulos que sugerem profundas reflexões sobre o Mediterrâneo «as a man-made-world», temas de estudo a tratar por uma elaboração condensada e vigorosa.

Um ambiente de tonalidade semiárida, uma profunda humanização, temas mais genéricos da área do Mediterrâneo ocidental, destringam-se vincadamente ao longo de toda a densa descrição pormenorizada da variedade de regiões que «se voltam para o mar fechado entre o estreito de Gibraltar e a plataforma siciliana-tunisiana» — segunda parte do volume —; dentro destas, em primeiro lugar, a Península Ibérica, «a mais variada das três penínsulas mediterrâneas» <sup>(2)</sup>.

Logo ao iniciar o estudo da Península Ibérica — primeiro capítulo, «Estrutura e Formas de Relevo» — se afirma uma ideia central: «a monotonia dos vastos planaltos interiores e a diversidade das suas estruturas periféricas vincam o seu carácter continental» (p. 164). Esta

<sup>(1)</sup> J. M. HOUSTON, *The Western Mediterranean world. An introduction to its regional landscapes*. London, 1.ª ed., 1964, xxviii + 800 pp. Numerosos mapas e gravuras. Bibliografia ampla, índice analítico.

<sup>(2)</sup> O estudo da Península Ibérica ocupa as pp. 164-368.

directriz dará uma forte coesão a todo o desenrolar denso de páginas descritivas de geografia física e humana deste pequeno continente maciço — capítulos seguintes sobre paisagens rurais e população. Já na segunda parte — estudo regional — o autor agarrou-se tenazmente «à fronteira mais antiga da Europa» que separa os dois Estados peninsulares para os considerar isoladamente; por isso, se num deles, que ocupa quatro quintos da área total da Península, se concretizam de maneira aliciante as linhas mestras da estrutura da Península, em Portugal é outra sorte de variedade de paisagens, contida dentro das limitações rígidas das suas fronteiras. Pelo carácter descritivo do trabalho, a segunda parte teria de aparecer divorciada da primeira. Esta aplicou-se a reconhecer a oposição de paisagens da Península Ibérica, onde «Portugal, contido muito embora na sua área periférica, reserva ainda um interior castelhano e a fachada atlântica» (p. 227).

De entre os bordos do bloco da meseta, reforçando o seu carácter continental, os montes Cantábricos representam uma cadeia vigorosa, com o relevo variado das Astúrias e montanha de Santander até às rasas da costa, ao passo que os montes ibéricos aparecem aplanados pela superfície pontiana até aos seus bordos castelhanos. Estruturas distintas da meseta, mas que, periféricas a ela, lhe emprestam uma feição contrastante, são, por um lado, os Pireneus, «the true rampart of central Spain», e a depressão continental do Ebro; por outro lado, contrapõem-se o sistema ibérico, mais extenso, onde culmina a Península (serra Nevada), mas, apesar de tudo, «less formidable as a mountain barrier», e a bacia do Guadalquivir, braço do mar terciário, o único corredor estreito da Península que, aberto para o mar por uma superfície ampla, penetra profundamente no interior, apertando-se para montante até à garganta de Despeñaperros, no bordo da serra Morena.

Uma breve apresentação das características ecológicas da Península segundo um sistema clássico invocar-nos-á um esboço já tradicional dos temas da paisagem rural: um clima de atmosfera sempre húmida restrita à fachada atlântica até ao Baixo Mondego, toda a gama de variedades de clima semiárido que cobre a maior extensão da Península, desde as temperaturas extremas continentais até à estepe da costa mediterrânea; o reduzido número de espécies da cobertura vegetal mediterrânea dominante acentua a desolada monotonia dos vastos e abertos espaços do interior. O próprio autor sente como é frouxa uma interpretação que parte de uma esquematização teórica demasiado simples. Em Castela-a-Velha, com um máximo de chuvas em Maio, uma paisagem dourada de cereais em rotação é a mesma extensão nua e inerte fustigada por um Inverno rigoroso; sob um clima doce de chuvas de Outono desenvolvem-se olivais e laranjais da Andaluzia e Levante. No Ebro, o máximo de chuvas no Outono e Primavera não é favorável ao cultivo de cereais quando a precipitação total do ano é baixa; todavia, um Inverno menos duro que em Castela permite a instalação da vinha nas encostas a sul protegidas das inversões de temperatura das menores altitudes. «É assim, perante a variedade de paisagem vegetal, que a nossa concepção de zonas climáticas se modifica e se corrige.» (P. 202).

O tipo de estrutura agrária, pelo que nela imprimiu a humanização da paisagem, foi o critério de classificação dos «sistemas regionais» de economia rural: o campo-prado e a autarcia familiar do Noroeste, a vida pastoril de montanha e a utilização colectiva de terras comunais que se vão reduzindo, tal como decaiu para sempre um longo passado de pastoreio transumante, o sistema agro-pastoril dos planaltos «castelhanos» de Trás-os-Montes e dos campos de trigo dos «bread-baskets» do interior da Península. Finalmente, são os sistemas individualistas do Leste e Sul da Península, relacionados com uma colonização recente de baldios, a importância da árvore em vez dos cereais, uma tradição antiga de rega. «Em grande parte de Aragão, um sistema de duas folhas era apenas praticado ao longo do vale do Ebro e dos seus maiores tributários, não nos seus interflúvios.» (P. 221). Isto, porque sendo áreas de pasto de ovelhas, quando tomadas para a agricultura, não puderam integrar-se num rígido sistema de *openfield*. Também em Castela-a-Nova e Estremadura, para além da agricultura intensiva à volta das grandes aldeias, havia extensos baldios apenas colonizados nos séculos XVIII e XIX. Na Andaluzia dominam a importância da oliveira — a Espanha é o primeiro produtor mundial de azeite — e os latifúndios nascidos da Reconquista, enquanto na base da organização social do Levante está a longa tradição de uma técnica de rega. «Não obstante a organização comunal dos direitos de rega, o forte individualismo foi encorajado pela sucessiva rotação de culturas, assim como pelo oportunismo comercial ultramarino [...] que foi reclamando os incultos a favor de uma agricultura rentável. O aspecto das hortas mudou constantemente, desde as plantações de cana-de-açúcar da Idade Média, a amora e o cânhamo das três centúrias seguintes até às hortas e pomares de laranja de hoje.» (P. 222). Na apresentação da economia rural da Península, não atenderia demasiado o autor à necessidade de uma esquematização, que incorre em superficialidade, na compreensão da paisagem e no conhecimento da história agrária da Península, da qual apenas se evocaram breves traços desligados entre si e no tempo?

Na distribuição de população da Península, o autor distingue *levels* e *gradients* de densidade de população, respectivamente para o centro e áreas periféricas da Península (pp. 227-231). Grosso modo, o centro da Península, envolvendo as duas Castelas e a Estremadura, que se prolonga pelo Alentejo, não excede em densidade de população os 38 hab/km<sup>2</sup>. Densidades mais elevadas ocorrem sempre que aos cereais se associam culturas como a vinha (vale do Douro, Tierra del Viño) e a oliveira (Tierra de Barros, na Estremadura, sudoeste da Mancha) ou nos vales regados abaixo da superfície da meseta. «Ao longo do Ebro, a densidade de população atinge os 55 a 70 hab/km<sup>2</sup>, decrescendo bruscamente depois do primeiro terraço para os 20 a 30 habitantes nas terras de trigo.» (P. 230) <sup>(3)</sup>. Cidades imponentes do passado, nascidas forçosamente da Reconquista, são hoje meros centros administrativos

(3) Na citação converteram-se em quilómetros quadrados as milhas quadradas do texto.

ou pequenas cidades-mercados circunscritos à pobreza dos recursos de um interior ibérico e seco, conservador de géneros de vida rural. Comparem-se 14 destes núcleos urbanos com as 35 cidades de mais de 50 000 habitantes da periferia da Península.

A esquematização que o autor indica na distribuição da população da Península utiliza-a, como não podia deixar de ser, apenas para Espanha; inclui ainda mapas elucidativos da variação da população e da distribuição funcional dos centros urbanos. Porque outro tratamento requereria, neste capítulo, a estreita fachada atlântica de Portugal, pela impossibilidade de a integrar no conceito escolhido, na escala utilizada, pela falta de dados estatísticos, porque foram mais acessíveis ao autor elementos sobre o território espanhol, por tudo isto se explica que Portugal apareça destacado do quadro da população da Península. Mas foi pena que ele ficasse quase esquecido e só uma ou outra vez se lhe tenham breves e salteadas considerações que não se integram harmoniosamente. Em Portugal, um quinto da população total do século XVI existia entre os rios Minho e Vouga; hoje, a norte do Tejo estão 18 dos 21 centros urbanos com mais de 10 000 habitantes e no Sul apenas um dos maiores centros do País: Setúbal (<sup>4</sup>). Se em Espanha as províncias com densidades de população mais elevadas são também as mais industrializadas, em Portugal a conurbação industrial do Porto representa a densidade mais elevada do País — 830 hab/km<sup>2</sup>; o distrito de Lisboa tem quase três vezes mais a população total do Porto, uma extensa área suburbana e satélite, mas faltam-lhe as elevadas densidades dos seus arredores rurais.

O objectivo da Geografia é partir da descrição e análise do sincretismo da paisagem para uma atitude de síntese e de interpretação. Contudo, o autor não pretendeu passar da primeira fase em todo o seu trabalho, mesmo quando estuda as regiões de Espanha e Portugal.

A unidade da Geografia como ciência de investigação interdisciplinar deriva da unidade da própria paisagem; no entanto, contactando ao mesmo tempo com o homem e a terra, estes podem levar a «diferentes modelos do pensamento, por vezes contrastados, que permanecem sem coordenação. Então tudo o que o geógrafo pode fazer é insistir nas suas inter-relações numa área» (p. 707). Por isso, para a geografia humana da Península procurou-se justapor ao quadro natural o mapa da distribuição da população, ver na variedade de paisagens possibilidades de recursos e modos de vida, vocação de densidades humanas. Mas, esta mesma orientação, aplicada numa geografia regional, limitou o autor a correr a paisagem na variedade dos seus elementos e, a favor de uma acumulação de pormenores que a enchem, afrouxa-se por vezes o verdadeiro carácter da região dentro do continente ibérico. São os próprios riscos de um trabalho desta índole um campo de estudo demasiado vasto tratado de uma maneira desenroladamente descritiva.

Em Espanha destaca-se a variedade de paisagens das fachadas atlântica e mediterrânea das províncias do Centro e Sul. Desde os bordos

montanhosos de Zamora e Leão estendem-se páramos de xisto e pão acima da terra quente do vale do Douro; desde os interflúvios do Ebro, contrastando com a *huerta* do fundo do vale, uma paisagem monótona da superfície terciária que se liga ao planalto de Sória, lugarejos e páramos de cereal e matorral. Finalmente, no interior, estão as planícies centrais de Castela, celeiro de Espanha, monocultura de trigo ou em rotação de «año y vez», grandes e densas aldeias de adobe. A Sul, na Andaluzia, são as enormes extensões de olival: representam um produto rentável de grandes herdades de donos ausentes, a miséria dos camponeses em certas épocas do ano, acentuada pelas flutuações de produção de azeite de uns anos para outros.

Sem minas de carvão e ferro, as paisagens da Galiza, mais ridentemente variadas que contrastadas, permanecem intactas num ambiente excêntrico, na profunda humanização que seguiu raízes antigas de povoamento e actividade humana, desdobrados entre o mundo rural estático e rotineiro e o mar: pesca, complemento do pobre *interland*; homens, a principal exportação que perfez nos últimos cinquenta anos um milhão de emigrantes. Já atrás da costa linear e cársica que a população evita, centrados num dos mais extensos corredores cantábricos, poderosos recursos industriais puderam orientar para as Astúrias forças de emigração interna de Castela e Aragão e dominam o crescimento de cidades como Santander, porto tradicional de saída de lã da meseta para a Flandres, hoje entre um rosário de portos moribundos. Ainda basca, Alava, terra «entre montanhas», anuncia já o clima seco e o povoamento aglomerado da paisagem castelhana.

Na estreita faixa costeira mediterrânea todas as gradações de clima seco, desde o sub-húmido no noroeste da Catalunha até ao xero-mediterrâneo de Múrcia; não há uma barreira imponente como os Cantábricos a destacar a periferia mediterrânea da Península, mas corredores extensos, das montanhas ibéricas à planície costeira, «como o de Segura [...], que incorporou no passado Múrcia como província castelhana» (p. 269). Os bordos montanhosos da meseta favoreceram uma economia intensiva de culturas regadas e pomares especializados, contrastando com o pastoreio extensivo e a população esparsa das terras áridas do interior. Se na Catalunha, a maior região industrial de Espanha, mais de 2,5 milhões de habitantes se concentram em pouco mais de 2000 km<sup>2</sup>, no Levante valenciano são nove décimos da população em um décimo da área ao longo do litoral. Na planta da cidade de Barcelona, típico porto mediterrâneo, detectam-se os períodos cruciais da sua expansão: de 1300 a 1500, quando renascia a importante cidade comercial; de 1850 a 1900, quando ganhava a supremacia de capital económica e industrial de Espanha. A sul, «a transformação das planícies semiáridas em *huertas* atinge o seu clímax na veiga de Valência, com densidades orientais de população e um oportunismo comercial único entre as comunidades rurais da Península» (p. 277).

O estudo das regiões de Portugal assenta na distinção do Norte atlântico, Sul mediterrâneo e regiões de transição que se descrevem de norte para sul. No Norte, atrás das montanhas de Larouco, Padrela e

(<sup>4</sup>) O autor utilizou dados de 1940.

Marão estende-se Trás-os-Montes. Contudo «é o vale do Tua a mais significativa divisão florística entre as influências do Atlântico e da meseta», o *Quercus suber* e o *Quercus toza*. Trás-os-Montes compreende «terra fria» e «terra quente»: planaltos castelhanos de campos abertos de pão, interrompidos por bacias tectónicas regadas, e o tom mediterrâneo que penetra pelos vales afluentes do Douro. Mas, em relação àqueles planaltos, será já uma generalização precipitada afirmar que «as servidões colectivas do Barroso são típicas de Trás-os-Montes» (p. 347).

No Norte, a «conurbação do Porto»: descrição da cidade — burgo de comerciantes —; a sua posição nodal comandando os recursos de duas regiões distintas, a região densamente povoadada do Minho e a das vinhas do Douro. Enquadrada na Estremadura e Ribatejo, regiões de transição, a «região de Lisboa»: é a cidade que se desenvolveu a partir de uma colina fragosa que protegia o porto, pela proliferação de sítios urbanos alcandorados com uma igreja ou convento, enquanto da policultura de tradição árabe nas terras baixas restaram dois vales de hortas que bifurcavam no Rossio, até que foram engolidos pelo crescimento urbano do século XIX. Hoje é uma cidade macrocéfala, que envolve nos braços do seu estuário uma extensa área suburbana, mas é «a conurbação do Porto mais claramente uma capital regional, estendendo a sua influência por todo o Norte de Portugal e para sul até Leiria e Castelo Branco» (p. 344).

No Alentejo, a criação de suínos, comum à Estremadura espanhola, a intensificação de culturas à volta dos grandes centros. A transformação da paisagem data apenas do último século, e o autor vê esperanças no progresso agrário: «o Alentejo é uma região em evolução rápida, o que demonstra que a concentração capitalista da propriedade não será sempre sinónimo de inerentes pragas sociais do latifúndio; 70 p. 100 da população empregada na agricultura esperam outra sorte na vida ...» (p. 364).

Pela índole deste trabalho, «não foi possível integrar pormenorizadamente assuntos de tão óbvia relação», traços físicos e humanos. O autor também não pretendeu fazer síntese geográfica; o seu objectivo foi apenas a própria descrição da paisagem, fruto de uma observação directa, acompanhada de uma vasta informação bibliográfica. Por isso mesmo, a matéria tratada é de difícil condensação e a obra denota uma estrutura frouxa na compreensão da paisagem, dos problemas que ela suscita.

Pela exposição de ideias gerais numa esquematização simples — forçada, por vezes, tentando conciliar a vastidão do assunto com o propósito do livro —, a análise minuciosa das paisagens espanholas, familiares ao autor, em especial as do litoral levantino, o desenrolar de uma descrição de viajante onde as ideias centrais aparecem por vezes confundidas num recheio de impressões e pormenores, a ampla bibliografia e os mapas e figuras elucidativos que acompanham o texto, os quadros estatísticos do fim do livro, a leitura desta obra interessa para uma aproximação e contacto inicial com «este pequeno continente em miniatura, a mais variada das penínsulas mediterrâneas». «Pintar

a paisagem» e «apresentar um texto introdutório a um assunto vasto que pudesse servir de estímulo ao leitor para estudos mais minuciosos através de uma bibliografia seleccionada» foi o que pretendeu o autor, com a convicção de que o verdadeiro conteúdo da obra de geógrafo reside na análise da paisagem: «he that has eyes to see let him see».

PAULA BORDALO LEMA